

## **A PLURALIDADE É UM COMEÇO**

Há momentos na história do pensamento em que se dá uma convergência de reflexões que apontam para conceitos holísticos e impregnados de contemporaneidade. A "pluralidade" é um deles.

Por um lado, as correlações que as exigências das ciências da natureza impõem (Heisenberg) têm obrigado, entre outras, as teorias da Física, da Química e da Biologia a um trabalho constante de interação e de mútuo questionamento.

Por outro lado, o entendimento do ser humano como emergente da noosfera (Teilhard) e em constante troca de elementos vitais com a atmosfera e a biosfera conduz a que se ultrapasse o conceito de "indivíduo" abstracto e impessoal.

Destas duas perspectivas decorre não só uma bio-diversidade ampliada mas também a própria afirmação de pluralidade. Hannah Arendt – em cujo trabalho filosófico encontro fundamento para esta posição até há poucos anos apenas intuída – afirma não ter encontrado nos grandes filósofos a mesma profundidade na definição da coisa política que em outras categorias do pensamento.

É certo que como consequência da Declaração Universal dos Direitos do Homem e dos movimentos sociais que nela têm encontrado inspiração se tem vindo a tentar que a pluralidade marque a aplicação na prática da Declaração. E assim se têm vindo a travar lutas sociais e legislativas que



geração, a luta interior com a própria complexidade só pode ter como resposta a complexidade enquanto processo cognitivo em todos os domínios. De modo mais directo, o acto de aprender tem de pegar nos feixes da realidade que se cruzam e nesses cruzamentos são captados os verdadeiros objectos do conhecimento. Para as crianças e adolescentes, por mais acetatos e métodos activos que se usem, nada se aprende se não se aprender basicamente os 'mapas' da simultaneidade histórica, científica, literária. Aprender nesses 'mapas' que tudo tem a ver com tudo.

Uma outra pequena 'revolução' diz respeito à incongruência de os adultos saberem hoje que a história não é linear e, apesar disso, tudo ensinarem de modo sequencial. Como pode quem vem do futuro ver um interminável passado a desdobrar-se sem qualquer relação aparente com o hoje? Pois se é verdade – e é! – que no século XX se avançou mais no conhecimento do que em todos os séculos precedentes, o tempo objectivo é diferente. De repente – em 60, 70 anos - o tempo alongou-se de tal maneira que o que nos separa hoje do início do século passado é muito mais tempo do que o que separava as grandes figuras da passagem do séc.XIX ao séc. XX das grandes civilizações da Antiguidade. É por isso que imagino uma aprendizagem que comece a partir do que é actualmente matéria incontornável do conhecimento e que se ramifique, sempre que necessário, nos factos, ideias, fenómenos, leis, teorias, que o precederam e garantiram a existência do que hoje sabemos. É óbvio que não estou a anular o valor cada vez mais estruturante dos clássicos mas a defender o imperativo de os trazer à vida hoje.

Estas duas exigências não são fáceis de realizar. Uma transformação deste tipo só pode ser levada a cabo através de um gigantesco trabalho de investigação. Mas esse é o preço de uma verdadeira reforma da educação. Urgente por todas as razões que podíamos invocar aqui: os direitos das crianças e dos jovens, a construção de uma autêntica sociedade de informação, a modernidade como condição da satisfação pessoal e como ingrediente indispensável de uma sociedade mais dinâmica em todas as frentes.

Outra condição iniludível se põe aqui. O trabalho interdisciplinar que considero estar no cerne desta transformação supõe dois factores, um de natureza técnica e outro de natureza humana. Tecnicamente só a criação de programas electrónicos permite realizar em tempo

Desde a queda do Muro de Berlim, toda a Europa foi atingida por um período de transição, cujas consequências estão ainda longe de serem compreendidas.

Gradualmente começou um novo tipo de transição que não pode sequer chamar-se de "transição de paradigma". Setembro de 2001 inaugura um novo tipo de relação entre os vários países. À transição que nascera da conferência de Bandung vem justapor-se um novo tipo de geoestratégia a que corresponde a descolonização típica da Rússia. Tendo-se realizado a colonização russa por assimilação justaposta de territórios diferentes, o processo de descolonização tem características bem definidas.

Em 1990, com o começo do conflito entre a Rússia e o Afeganistão, colocou-se um problema chave para esta zona do mundo: o preço do petróleo passou a atingir valores capazes de pôr em causa todo o equilíbrio geoestratégico no continente asiático. Sobrepõem-se a este problema divisões étnicas e religiosas que acentuam os problemas existentes.

A tragédia do 11 de Setembro veio dar a toda a zona asiática a convicção de que o Oriente se vai esborçar. A sucessão de conflitos, até então apenas latentes, transformou-se numa força que põe em causa toda a Ásia. Não se tratam de fenómenos singulares mas sim de uma vaga que vem por em causa o equilíbrio mundial. Não admira, por isso, que a actividade de todos os territórios dessa região seja marcada por atitudes que não procuram paz. Trata-se de um fenómeno com uma intensa força, capaz de trazer à superfície relações entre países sem que esteja claro o centro da sua perturbação.

O esquema da globalização tem constituído um problema sério no mundo inteiro. Não se trata porém de escolher entre globalização e não globalização. A globalização resulta dos fenómenos de aceleração do conhecimento e dos progressos tecnológicos. Estes processos não são negociáveis. Uns e outros, como costuma dizer o grande físico Elias Prigogine, assentam na irreversibilidade e na imprevisibilidade.

Pensar-se-á que se trata de uma posição arcaica que seria apenas o resultado da conhecida frase de Ghandi: «Rich people greed poor

regime – antes e depois – sufoca-a, redu-la a cânones antigos e simplistas.

Muitos dizem - e estão convencidos do que dizem - que "o regime que faz é a democracia". Pelo mundo fora, o regime que faz aparece bem vestido, cheio de regras e de leis (que não segue ou não regulamenta), louvando-se a si próprio no meio de perversões de processos. Foi curiosíssimo nesse contexto o modo como nas últimas eleições presidenciais francesas, apesar do seu sempre inteligente "distinguo", o povo deu ao voto um coeficiente qualitativo, escrevendo que não era Chirac que vencera mas sim a República, que o voto não era "por" mas "contra". E trocadilhos semelhantes se podem encontrar nos quase 30 anos de regime democrático em Portugal: em noite de legislativas os vários leaders a proclamarem que tinham ganho, mesmo que tivessem perdido, os candidatos a presidentes ou presidentes eleitos a usarem o tempo de antena para demolirem outras candidaturas ou a criarem partidos mesmo que segundo a Constituição devam ser independentes de qualquer força partidária.

Apesar de todos os atropelos, os países democráticos organizam-se para manter vivo o seu regime. São os novos tipos de ajuda aos países de independência recente (o esforço originado na Suécia que nasceu logo como instituição multilateral – IDEA – ou as task-forces patrocinadas pela ONU) para supervisarem os processos eleitorais.

À medida que, em todas as culturas, a vida política tenta racionalizar-se na sua estrutura, o "regime que faz" não assimila as grandes transformações do século XX e deixa-se corroer nos próprios fundamentos da ciência política. Torna-se cada vez mais patente o delírio de Fukuyama quando viu na implantação crescente da democracia "o fim da história". Uma interrogação já começou em surdina e ganha força no espírito das pessoas e dos povos: "*É esta a última parede do labirinto?*". E como em todos os labirintos estamos ora cada vez mais longe da saída ora percorrendo em paralelo troços da direcção já antes tentada.

Hoje, já não podemos quedar-nos apenas no regime que faz em cada país. A democracia esgotou as suas possibilidades ao coexistir com a exploração dos povos e do planeta. Há que alargar a pergunta: "Que regime faz no mundo?" Sob o manto esburacado do

people adjust less greed». O que está nas mãos é uma intensa ganância pelos bens deste mundo. A atitude face à globalização é como tem dito com frequência João Paulo II: «Um jogo de posições de poder não se modificam com a queda do comunismo».

Que significa então um mundo vivendo dos bens alheios? Não há dúvida que se trata duma apropriação indevida do que pertence a outro. Como fazer face então a uma tal situação? Diante de nós estão mais de três milhares de milhões de seres humanos a quem tudo é negado. A atitude democrática exige formas de participação na construção social sem as quais não é possível construir a democracia nem torná-la um instrumento eficaz nas mãos da humanidade.

Fundação Cuidar o Futuro



## Qual o regime que faz em Portugal?

«Se a origem foi possível  
então será possível outra vez. Quando  
o presente estoira, de vários futuros  
carregado. (...)  
Qual é o regime que faz em Portugal?»

### Manuel Gusmão-185 <sup>1</sup>

Só por um tempo breve, muito breve, houve uma resposta clara: "o regime que faz é a revolução".

E vieram jovens e menos jovens do mundo inteiro para ver como era esse último reduto do seu sonho realizado. Queriam respostas à pergunta que os movia no desejo de mudança da sociedade: "*Como conseguirei passar a fronteira?*". Ouviam o clamor entusiástico de um povo que se julgava liberto: "*Passei a fronteira.*" Mas aqueles que por aqui ficaram uns meses descobriram que "*não há passagem*". Foi Russell Ackoff, o criador da ciência dos sistemas, que, antes de regressar à Wharton School da Universidade de Filadélfia, me revelou de forma pungente a inexistência de "passagem": viera um trimestre a convite de um grande economista para ajudar a pensar essa "passagem da fronteira". Mas ninguém lhe aparecera para trabalhar com ele. E perguntava-me: "os seus compatriotas não gostam de pensar, pois não?" E após uns momentos ele próprio respondia generosamente à pergunta que formulara: "Estão com certeza a pensar, no segredo de pequenos grupos, em que pode consistir a passagem num momento revolucionário, que formas pode tomar aí a democracia, qual é o grau de legitimidade democrática que pode ter um período revolucionário".

Foi por andarem distraídos os intelectuais e impenetráveis os políticos que o regime que então fazia acabou por abortar. Eu sei que não é plausível hoje esse regime e a própria palavra "revolução" inadequada.

O divórcio entre revolução e regime é total. Porque a revolução explode numa abundância de possíveis enquanto o regime hoje implode. Porque a revolução traz em si a esperança enquanto o

<sup>1</sup> Manuel Gusmão, in MCF, pg. 185

visíveis as brechas por onde se pode chegar à estrutura. E, como esta resulta cada vez mais de uma multiplicidade de factores e de uma "geologia" física ou simbólica cujos limites são difíceis de definir, as brechas não são evidentes. Mais do que numa estrutura estática, as brechas requerem estudo, determinação e uma grande capacidade imaginativa. Só são encontradas por quem quer pensar. A opacidade dos muros parece não deixar filtrar os sons dos movimentos e dos gritos, dos lamentos e das canções. Só se revelam àqueles que, dentro de si mesmos, mantêm a fulgurante lealdade à novidade da vida e que, por isso, rejeitam a ilusão de uma "vida certinha" porque cópia das normas sem rasgo de muitas outras vidas. Sobre isso escreveu, com a sua sueca ironia, Dag Hammarskjöld: *"Ele era um membro da tripulação na caravela de Cristóvão Colombo – e continuava a pensar se chegaria à sua aldeia a tempo de substituir o velho sapateiro antes de outro qualquer tomar o lugar."*

### Fundação Cuidar o Futuro

Encontrar a brecha é sempre essencialmente a descoberta do "ponto de entrada". Pode ser um esforço da vontade, na sequência lógica do que se faz ou vive. Mas em outros casos, raríssimos esses, é a grande invenção da dignidade humana no seu paroxismo.

Entre '92 e '96, coube-me procurar o ponto de entrada no trabalho que fora chamada a fazer. Perante a curva exponencial do aumento da população mundial, os governos, as instituições multi-laterais e algumas fundações, que tinham programas de "planeamento familiar" ou de "controle da natalidade" em numerosos países, verificaram que só viam a superfície do problema. Criada a comissão internacional "População e Qualidade de Vida", o problema passou a ser a descoberta do "ponto de entrada". Afinal ele estava não numa concorrência entre contraceptivos mas no cruzamento entre a escolaridade básica e os serviços de saúde reprodutiva. As conclusões

deste trabalho contribuíram decisivamente para a dignidade das mulheres e para o programa de estabilidade da população mundial.

Já muito diferente é o exemplo do que chamei "o paroxismo da dignidade humana". É a situação do herói de Soljenitsine no livro "O primeiro círculo". Com um dia terrível diante dele, sem um momento de repouso, com tarefas escalonadas, ele levanta-se antes da hora e vai gratuitamente cortar lenha para o aquecimento de todo o campo de concentração. Ninguém o mandou fazer esse trabalho. Ninguém lhe agradece que o faça. Ele limitou-se a inventar a brecha da sua liberdade.

Fundação Cuidar o Futuro

